

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Projeto de pós-doutorado

O JOVEM SANGUINETTI E AS ORIGENS ITALIANAS
DO DESPOTISMO OCIDENTAL (1969-1979)

Candidato: Erick Quintas Corrêa

Supervisor: Paulo Eduardo Arantes

Resumo: O presente projeto de pesquisa parte de uma interrogação sobre os diversos níveis da relação entre o percurso intelectual do jovem Gianfranco Sanguinetti (1969-1979) e a teoria do espetáculo elaborada pela Internacional Situacionista (IS, 1957-1972), e destes com a cultura e a política na Itália da década de 1970. É por meio desta relação entre teoria crítica, Estado e sociedade que o tema deverá ser abordado, abarcando tanto a dimensão da produção intelectual de Sanguinetti em si quanto a investigação das condições sociopolíticas e históricas que condicionaram sua formulação. Para este fim, pretende-se investigar a complexa relação do antigo situacionista com o movimento revolucionário na Itália, tomando como base as lutas operárias e estudantis do “outono quente” de 1969 até as lutas autonomistas do *movimento del '77*, bem como os processos de repressão política e social que derrotaram aquelas experiências.

Palavras-chave: terrorismo; espetáculo; despotismo ocidental.

São Paulo, 2024

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Post-doctoral project

THE YOUNG SANGUINETTI AND THE ITALIAN ORIGINS
OF WESTERN DESPOTISM (1969-1979)

Candidate: Erick Quintas Corrêa

Supervisor: Paulo Eduardo Arantes

Summary: This research project is based on an inquiry into the various levels of the relationship between the intellectual journey of the young Gianfranco Sanguinetti (1969-1979) and the theory of the spectacle developed by the Situationist International (IS, 1957-1972), and the latter with culture and politics in Italy in the 1970s. It is through this relationship between critical theory, State and society that the theme will be approached, covering both the dimension of Sanguinetti's intellectual production itself and the investigation of the socio-political and historical conditions that conditioned its formulation. To this end, the aim is to investigate the complex relationship between the former situationist and the revolutionary movement in Italy, taking as a basis the workers' and students' struggles from the "hot autumn" of 1969 to the autonomist struggles of the '77 movement, as well as the processes of political and social repression that defeated those experiences.

Keywords: terrorism; spectacle; western despotism.

São Paulo, 2024

Sumário

| | |
|---|----|
| 1) Enunciado do problema | 3 |
| 2) Resultados esperados | 13 |
| 3) Desafios científicos e tecnológicos e os meios e métodos para superá-los | 13 |
| 4) Cronograma | 15 |
| 5) Disseminação e avaliação | 16 |
| 6) Outros apoios | 16 |
| 7) Bibliografia | 17 |

1) Enunciado do problema

Desde o colapso da URSS e o fim da Primeira Guerra Fria, entre 1989 e 1991, houve um aumento significativo nos estudos sobre o declínio do Estado de direito como paradigma político das democracias contemporâneas e sua gradual substituição pelo paradigma do Estado de exceção. Este debate de certo modo atualizou, em sentido análogo, a controvérsia dos anos 1930 entre o jurista Carl Schmitt e o filósofo Walter Benjamin sobre o Estado de exceção na Alemanha.¹ Grosso modo, as teorias de intelectuais críticos como Robert Kurz (1993), Giorgio Agamben (2004), Noam Chomsky (2005), Naomi Klein (2008) ou Achille Mbembe (2018), a despeito de suas diferenças, convergem na identificação da exceção como “paradigma de governo dominante na política contemporânea” (Agamben, 2004, p. 13).

Neste primeiro quarto do século XXI, a “guerra contra o terrorismo” tem frequentemente servido de pretexto para a adoção de medidas governamentais e legislações de exceção não somente nos Estados Unidos, como também nas principais democracias da Europa ocidental. O *Patriotic Act*, adotado em caráter “emergencial” na ocasião dos ataques de 11 de setembro de 2001 ao *World Trade Center*, foi autorizado novamente pelo Senado norte-americano em março de 2006, tornando-se, deste modo, um dispositivo jurídico-político de *exceção permanente*. Desde então, a história não cessou de acumular acontecimentos e processos análogos, envolvendo ações terroristas e reações antiterror que ora implicam em violações do Estado de direito (no plano interior), ora legitimam processos

¹ Inaugurado pelo polêmico artigo 48 da Constituição de Weimar (1919), o regime nazista seria efetivamente aplicado a partir de 1933, primeiramente com a nomeação, no dia 30 de janeiro, de Adolf Hitler para o cargo de chanceler e, um mês depois, em 27 de fevereiro, com o incêndio criminoso do *Reichstag* (nome do edifício onde funciona o parlamento federal da Alemanha). O incêndio criminoso de suas instalações no dia 27 de fevereiro é considerado um dos fenômenos originários do regime nacional-socialista alemão. Para Salinas, “o chanceler Adolf Hitler aproveitou esses fatos para obter a Lei de Plenos Poderes que lhe permitiu suspender os direitos civis, perseguir os partidos de esquerda, etc” (1996, p. 38). No livro *Estado de exceção* (2003), Giorgio Agamben lembra o fato de que “a história do art. 48 da Constituição de Weimar é tão estreitamente entrelaçada com a história da Alemanha de entre as duas guerras, que não é possível compreender a ascensão de Hitler ao poder sem uma análise preliminar dos usos e abusos desse artigo nos anos que vão de 1919 a 1933” (2004, p. 28).

de vingança e retaliação, envolvendo punição coletiva como massacres e genocídios, ocupação e exploração territorial (no plano exterior).

Especialmente na França e na Itália, há uma profusão de abordagens sociológicas especializadas nos temas da fusão entre redes mafiosas, Estados e mercados (Bigo & Dobry, 1991); da normalização da mentira como técnica de governo nas democracias contemporâneas (Giacché, 2011); ou do aumento do poder de influência do sigilo e dos serviços secretos nos arranjos estatais (Obert, 1996; Duclert, 2000; Laurent, 2004; Giraud, 2005). Estudos acadêmicos e jornalísticos revelaram em detalhes a colaboração internacional, sobretudo estadunidense, através da CIA, em diversas operações secretas na Europa ocidental, mas principalmente na Itália da década de 1970 (Gentile, 2005; Ganser, 2005). No ano de 2008, a jornalista francesa Marie-Monique Robin publicou um estudo chamado *Escadrons de la mort, l'école française*, no qual revelou aspectos da colaboração entre os serviços secretos de França, Brasil, Argentina, Uruguai e Chile com foco na formação dos chamados “esquadrões da morte”, inspirados pelas técnicas de tortura que, aplicadas pelo exército francês nas guerras da Indochina (1946-1954) e da Argélia (1954-1962), foram transferidas aos militares na repressão política aos movimentos de luta armada do Cone Sul durante os anos 1970.

No Brasil, a Operação Bandeirante (Oban), comandada militarmente pelo major Brilhante Ustra e financiada secretamente por empresários aglutinados em torno de Henning Boilesen (então diretor do Grupo Ultra), foi objeto de uma acurada investigação jornalística de Chaim Litewski e veio à público no aclamado documentário *Cidadão Boilesen* (2009). Da operação *Gladio* à Oban, portanto, o que estava em jogo era um tipo de *manipulação do terrorismo em nome do combate ao terrorismo*, tal como Debord sintetiza em 1988: “os terroristas conhecidos, ou assim considerados, são combatidos abertamente de forma terrorista (...) Sabe-se bem que a estação de Bolonha explodiu para que a Itália continuasse a

ser bem governada; e o que são os esquadrões da morte no Brasil” (1997, p. 210). Os “esquadrões da morte”, que ficaram mais conhecidos no país como “grupos de extermínio”, evoluíram para a forma de “milícias” que hoje controlam parte do território do Rio de Janeiro, inclusive penetrando as instituições do Estado, conforme as investigações sobre a execução da vereadora Marielle Franco revelaram recentemente.

Também é de conhecimento público o fato de que o serviço secreto brasileiro empregou métodos de “lutas híbridas” e “operações morais”, incluindo atentados de “bandeira falsa”², em dois momentos distintos da ditadura. Em 1968, dezenas de atentados terroristas aqueceram o ambiente como preparação ao endurecimento do regime instaurado em 1964, o chamado “golpe dentro do golpe” que efetivamente teve lugar com a decretação do AI-5, em dezembro daquele ano, lançando toda a esquerda à ilegalidade (Quadros, 2018). Em 1981, o atentado à bomba no Riocentro visava frear a “distensão” do regime iniciada pelo governo Ernesto Geisel. Como se sabe, a farsa foi imediatamente descoberta porque a bomba explodiu no colo dos agentes (Figueiredo, 2005). Todavia, no âmbito da teoria crítica brasileira, autores como Roberto Schwarz (2003), Francisco de Oliveira (2003), Paulo Arantes (2007), Vladimir Safatle (2010) ou Michael Löwy (2016), se referem ao nosso atual ordenamento jurídico-político democrático nos termos de uma “exceção permanente” (Oliveira, 2003, p. 31) ou, simplesmente, de uma “exceção brasileira” (Safatle & Teles, 2010), ao refletirem sobre as circunstâncias que permitiram uma assimilação, pela democracia, de certas práticas de governo típicas da ditadura.

Portanto, de acordo com a nossa hipótese, no interior desta dinâmica – da exceção como paradigma de governo dominante tanto no centro como na periferia do capitalismo contemporâneo –, o caso italiano se destaca em relação ao caso brasileiro por uma razão

² De acordo com a definição do Dicionário *Britannica*, a expressão “bandeira falsa” designa um “evento ou ação prejudicial (...) projetado para parecer que foi perpetrado por alguém que não seja a pessoa ou o grupo responsável por ele (...) Os primeiros usos conhecidos do termo ‘bandeira falsa’ referiam-se figurativamente a uma bandeira amigável hasteada por navios inimigos a fim de chegar a uma distância de ataque” (Tradução nossa). Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/false-flag>>. Acesso em: 08/04/2024.

histórica principal, com implicações importantes para o campo da teoria crítica contemporânea. Pois, na tentativa de frear o avanço das forças revolucionárias liberadas internamente no decurso dos anos 1970, o Estado italiano, em conluio com redes mafiosas locais e a CIA, empregou técnicas de governo típicas de regimes concentracionários como o fascismo e o stalinismo sem, contudo, recorrer a uma abolição violenta do Estado de direito, diferente tanto dos fascismos clássicos como das ditaduras sul-americanas nas décadas de 1960 e 1970, em especial a brasileira, que serviu como laboratório para a implementação das demais.

Tendo em vista este complexo horizonte de questões, o presente projeto de pesquisa parte de uma interrogação sobre os diversos níveis da relação entre o percurso intelectual do situacionista italiano Gianfranco Sanguinetti,³ nos anos de 1969 a 1979, e a teoria do espetáculo elaborada pela Internacional Situacionista (IS, 1957-1972), e destes com a cultura e a política na Itália da década de 1970. É por meio desta relação entre teoria, Estado e sociedade que o tema deverá ser abordado, abarcando tanto a dimensão da produção teórica de Sanguinetti em si quanto a investigação das condições sociopolíticas e históricas que condicionaram sua formulação. Para este fim, pretende-se investigar a complexa relação do antigo situacionista com o movimento revolucionário na Itália, tomando como base as lutas operárias e estudantis do “outono quente” de 1969 até as lutas autonomistas do *movimento del '77*, bem como os processos de repressão política e social que derrotaram aquelas experiências.

³ Nascido em 1948 na Suíça, Gianfranco é filho de Teresa Mattei e Bruno Sanguinetti, dois ativos *partigianos* da Resistência antifascista na Itália. Pedagoga de formação, Teresa participou da execução do principal filósofo do fascismo, Giovanni Gentile, ocorrido em 15 de abril de 1944, tendo sido eleita em 1946 para a Assembleia Constituinte pelo PCI. Após a morte de Bruno, Mattei revelou que ele teria sido o idealizador da execução de Gentile, em retaliação ao assassinato de seu irmão Gianfranco Mattei (um professor universitário de química, também *partigiano*), naquele ano, pelo regime fascista. Bruno era de origem judaica, filho de um grande proprietário da indústria alimentícia. Intelectual especialista em literatura francesa e formado em engenharia e física, ajudou a fundar em Roma o Gruppo Antifascista Romano, tornando-se um dos principais financiadores do PCI durante a Resistência. Cf. Pacini, 2009.

De acordo com Sanguinetti (2017), ao longo daquele decênio a Itália tornou-se o “laboratório internacional” de um novo regime de dominação, ancorado em “lutas híbridas” e “guerras assimétricas”. Aquele foi um violento período de instabilidade econômica, política e social, no qual atentados terroristas orquestrados pelos serviços secretos estatais e grupos para-estatais, rivalizavam com as ações armadas organizadas por vários grupos da extrema-esquerda, entre eles, as Brigadas Vermelhas (BV), que assumiram a responsabilidade pelo rapto e execução de Aldo Moro, a principal liderança da Democracia Cristã (DC) e primeiro-ministro da Itália entre 1963-1968 e 1974-1976.

Acima desses conflitos pairava o espectro de um acordo parlamentar entre o Partido Comunista Italiano (PCI) e a DC, a mais importante força conservadora do país. A partir de 1973, na ocasião da queda de Salvador Allende no Chile, o então Secretário Geral do PCI, Enrico Berlinguer, passou a defender a necessidade de se firmar um *compromisso storico* na Itália. Trata-se de uma perspectiva devedora das concepções do antigo dirigente “euro-comunista” Palmiro Togliatti, que defendia, no início dos anos 1960, pouco antes de sua morte, a necessidade de se forjar uma “nova maioria” no país (Abse, 1996, p. 73). Nos termos democrata-cristãos do acordo, Aldo Moro defendia uma “convergência paralela” entre os interesses da DC e do PCI por meio de um governo de “unidade nacional”.

Com o aprofundamento da crise, o “compromisso histórico” passou a representar uma saída política para aplacar os extremismos e salvar da bancarrota o capitalismo italiano, que enfrentava uma aguda crise econômica e sociopolítica desde o final dos anos 1960. Entretanto, a execução da principal liderança da DC por inimigos do “compromisso histórico” impediu que o acordo saísse do papel, e os comunistas foram sendo paulatinamente isolados da gestão do Estado. Em consequência, figuras apolíticas como Silvio Berlusconi, membro da influente loja maçônica *Propagande Due*, ascenderam ao poder com o apoio de redes mafiosas e movimentos neofascistas.

Abaixo dos conflitos de rua e dos compromissos de gabinete, agentes estatais e para-estatais forjavam atentados *false flag* com o intuito de culpabilizar e, posteriormente, criminalizar e reprimir as alas mais radicais tanto do chamado “outono quente” de 1969, quanto do movimento de 1977, até o ponto de sua aniquilação⁴. Neste segundo ciclo de repressão, no dia 7 de abril de 1979, o filósofo Antonio Negri foi preso em Pádua, por ordem de magistrados locais associados ao PCI. Acusado de tramar uma insurreição na Itália desde 1969, de comandar as BV e de ter sido o principal mentor do sequestro de Moro, Negri fora mantido na prisão durante quatro anos sem julgamento.

De acordo com Franco Berardi, fundador da Rádio Alice⁵ e um dos mais proeminentes intelectuais daquela geração (ao lado de Negri e Mario Tronti, representantes da corrente “pós-operaísta”), na repressão ao movimento de 1977 foi “virada a última página do século XX”. “Bifo”, como era conhecido no/pelo movimento, identificou naquele processo um momento fundamental da “passagem ao mundo pós-industrial” que teve lugar nos anos 1990, ancorado numa reestruturação produtiva do capital de natureza essencialmente “antissocial e antioperária”. Na sua síntese, “1977 foi o primeiro episódio de 1989” (2017, s/p). Em termos similares, Sanguinetti também compreende que “a impostura do comunismo do século XX não ruiu em 1989 no leste europeu, mas em Roma e Bolonha em 1977” (2017, p. 11).

Após um hiato de dez anos em suas intervenções públicas, Sanguinetti voltou a publicar ensaios políticos na imprensa alternativa europeia, os quais denunciam o surgimento de um “despotismo ocidental”, rival do antigo “despotismo oriental” chinês e russo, analisado pelo teórico-crítico alemão Karl August Wittfogel no final da década de 1950. O novo

⁴ A Operação *Bluemoon*, por exemplo, distribuía heroína em ambientes ligados à esquerda extraparlamentar e ao movimento autonomista, com financiamento estadunidense e gerenciamento das máfias locais. Cf. D’Angelo, Peter; Viridis, Manuela. *Operazione Bluemoon: Eroina di Stato*. RAI Storia: Itália, 2013. (43 min.).

⁵ Alinhada ao movimento autonomista, a *Radio Alice* foi fundada em fevereiro de 1976, sendo fechada em 12 de março de 1977, quando o estúdio foi invadido pelas forças policiais. Os equipamentos e mobílias do estúdio foram destruídos e todas as pessoas presentes foram levadas à delegacia. A rádio foi reaberta somente dois anos mais tarde.

despotismo dá origem, de acordo com Sanguinetti (2017), a um “estado de emergência perpétuo e generalizado”, marcado pelo “fim do Estado de direito”, pela proliferação orquestrada de “golpes de Estado silenciosos” envolvendo “cooptação e infiltração” das lutas sociais, além de técnicas de “estabilização e desestabilização” jurídico-política dos poderes estatais.

Sua biografia se confunde com a violenta história política italiana dos anos 1970. Em 1969, aos 21 anos de idade, o jovem membro da seção italiana da IS colaborou com a redação de um panfleto que denunciava a manobra secreta do Estado na ocasião do atentado à bomba de *Piazza Fontana*. Os situacionistas foram então um dos únicos⁶ grupos a defender, ainda no calor dos acontecimentos, a hipótese de um atentado de bandeira falsa que, apenas quinze anos depois (em 24 de outubro de 1990), será revelado ao país pelo então primeiro-ministro Giulio Andreotti.

A sagacidade estratégica e senso crítico dos situacionistas contrastava, assim, com as análises predominantes entre a esquerda comunista e extra-parlamentar, que aceitavam igualmente a versão oficial sobre os acontecimentos. Formulada à época pelas autoridades judiciárias e policiais, a autoria do atentado recaiu de imediato sobre dois conhecidos indivíduos de orientação anarquista. Imediatamente após o atentado, a polícia italiana prendeu Pietro Valpreda, que seria libertado da prisão somente em dezembro de 1972, e Pino Pinelli que, segundo a versão oficial do Estado italiano, teria se atirado da janela do segundo andar do prédio em que estava sendo interrogado pelo delegado Luigi Calabresi. Este último, por sua vez, foi assassinado no dia 17 de maio de 1972 em Milão, fatos ainda hoje não

⁶ Além da seção italiana da IS, outro grupo oriundo da esquerda radical distribuiu um panfleto denunciando a manipulação do terrorismo estatal. *Ludd-Consigli proletari* (1969-1970) foi formado no verão de 1969. Entre os seus membros contavam-se Gianfranco Faina, Riccardo d'Este, Giorgio Cesarano, Pier Paolo Poggio, Mario Lippolis, Piero Coppo, Eddie Ginosa e Mario Perniola. O panfleto em questão, intitulado *Bombe, Sangue, Capitale*, foi distribuído em Milão em janeiro de 1970, dias após a distribuição do panfleto situacionista, intitulado *Il Reichstag brucia?*

esclarecidos. Os situacionistas italianos foram imediatamente expiados por parte da imprensa italiana e pela polícia, que prontamente os ligaram ao “fio negro” do “terrorismo anarquista”.

Para escapar da repressão policial e das provocações neofascistas, Sanguinetti e Paolo Salvadori (outro membro italiano da IS) deixaram a Itália no dia 13 de dezembro, ganhando a Suíça e, depois, a França. Mas a vantagem dos situacionistas italianos em relação aos grupos de esquerda deve-se, segundo nossa hipótese, à formulação prévia de sua teoria crítica do espetáculo, o que lhes permitiu detectar o exercício de um “terrorismo espetacular”, em que “o verdadeiro é um momento do falso” (Debord, 1997, p. 16). Assim, ao tornar legível o *modus operandi* de tantos complôs e conspirações, textos políticos como os da IS, publicados *no calor dos acontecimentos*, fornecem aos seus contemporâneos, ainda atônitos pelo choque das “operações morais”, uma compreensão estratégica dos processos em andamento.

Com o refluxo das lutas causado pela repressão, tanto na França pós-68 como na Itália pós-69, a IS anuncia sua auto-dissolução através de um documento assinado por Debord e Sanguinetti, seus últimos remanescentes, publicado no ano de 1972. Um ano antes, o italiano havia sido expulso da França sob acusação de “atividade subversiva”, ocasião em que regressa à Itália. Após o fim da Internacional, as atividades de Sanguinetti se concentraram predominantemente na segunda metade da década de 1970. Durante os anos 1980, o antigo situacionista foi compelido a suspender suas intervenções públicas devido às retaliações que enfrentou como resultado das publicações dos seus livros de 1975 e 1979. De acordo com o seu relato:

As pessoas admiravam-se, mesmo publicamente, com o fato de eu não ter sido morto. Entretanto, tive muitos problemas legais, policiais e extrajudiciais (como os repetidos incêndios nas minhas terras no interior da Toscana). Quinze anos antes de o chefe do governo italiano, Giulio Andreotti, ter admitido publicamente, a 24 de outubro de 1990, a existência da organização *Gladio*, eu tinha escrito, em 1975, no capítulo IV do *Rapport Véridique*, publicado sob o pseudônimo de Censor: ‘haverá alguma esperança de justiça quando os malfeitores têm o poder de condenar os seus censores? (...) não será seguro concluir que o serviço secreto se tornou entre nós aquela *gladium ancipitem in manu stulti* de que falavam os latinos?’

(Lat.: espada de dois gumes na mão dos tolos). Aqueles que conheciam as coisas secretas, na Itália, certamente tremeram quando leram isto.⁷

O primeiro livro, intitulado *Rapporto Veridico sulle ultime possibilità di salvare il capitalismo in Italia* (1975), expôs a essência contrarrevolucionária do “compromisso histórico” entre comunistas e democratas-cristãos, enquanto o segundo, *Del Terrorismo e dello Stato* (1979), revelou segredos relacionados ao terrorismo de Estado e ao sequestro e assassinato de Aldo Moro. É neste período *pós-situacionista*, portanto, que a força qualitativa da teoria situacionista causará maior impacto em território italiano, por intermédio da parceria estratégica entre Debord e Sanguinetti. A amizade entre ambos prosseguiu pelos anos seguintes ao fim da IS até que, a partir de 1980, passou a degenerar em função de uma campanha difamatória de Debord contra o ex-situacionista italiano.

No ano de 1979, ambos publicaram suas análises sobre a situação italiana, nas quais tematizam diretamente a problemática do terrorismo na Itália, com enfoque na atuação das BV e no sequestro e execução de Aldo Moro⁸. Debord queria que seu antigo companheiro de IS publicasse suas teses na Itália *durante* o sequestro de Moro, para revelar ao país a manipulação das BV pelo Estado. Mas Sanguinetti só o fez após o desfecho do sequestro, e cinco meses depois de Debord ter publicado na França suas próprias teses, nas quais o movimento de 1977, assim como o livro de Sanguinetti de 1975, são deliberadamente ocultados. A partir de então, Debord não apenas rompe relações com Sanguinetti, como passa a levantar suspeitas sobre ele. Debord acreditava que Sanguinetti não havia seguido sua orientação por influência de seu advogado à época, uma figura idiossincrática vista com circunspeção pelo ex-situacionista francês. Sem jamais oferecer qualquer evidência que justificasse semelhante suspeição, Debord espalhou a desinformação de que se tratava de um

⁷ Entrevista inédita concedida via correio eletrônico em 11 de fevereiro de 2023.

⁸ Tratam-se, respectivamente, do “Prefácio à 4ª edição italiana de *A sociedade do espetáculo*” e “Do terrorismo e do Estado”.

“agente secreto” para tradutores e editores com quem tinha relações na Europa ocidental, concorrendo favoravelmente para o mencionado silenciamento do qual Sanguinetti será alvo.

Se bem sucedida, esta pesquisa deve propiciar um resgate da figura de Sanguinetti que, embora proscrita dos debates contemporâneos sobre os Estados de exceção, oferece uma contribuição teórica ímpar e com especial potencial crítico no presente. No âmbito dos estudos situacionistas em particular, espera-se contribuir com o preenchimento de uma lacuna sobre a história das seções nacionais da IS e de sua atuação em processos revolucionários locais, além de lançar luz sobre a vida e a obra de seus membros não francófonos. Compõe, nesse sentido, um esforço de pesquisa mais amplo, que reúne estudiosos da IS de vários países, interessados em destacar a trajetória de seus antigos membros após o fim da organização. Uma etapa importante deste projeto será concluída com a publicação, prevista para 2025-2026 (pela editora *Common Notions*, de Nova York), de um livro de entrevistas com ex-situacionistas vivos, provisoriamente intitulado *The Situation is not Dead*, com o qual colaborei entrevistando Sanguinetti.

2) Resultados esperados

A pesquisa deverá resultar na produção de uma biografia política e intelectual do jovem Sanguinetti (1969-1979) que:

1) Evidencie o valor de sua contribuição analítica e estratégica para a conjuntura italiana da década de 1970, e global, a partir do final da década de 1980;

2) Confronte criticamente os escritos de Sanguinetti com o repertório categorial de intelectuais contemporâneos comprometidos com a análise da relação entre Estado de direito e Estado de exceção;

3) Identifique o lugar do conceito sanguinettiano de “despotismo ocidental” no legado da teoria crítica, ao explorar suas convergências e divergências teóricas;

4) Reponha o debate sobre violência, terrorismo e sociedade do espetáculo nos termos formulados originalmente pelos situacionistas Debord e Sanguinetti, diferente de alguns de seus principais intérpretes contemporâneos (Zacarias, 2013; 2018);

5) Contribua para o campo dos estudos situacionistas, ao resgatar a contribuição teórica e política de seus membros menos conhecidos, bem como de suas seções nacionais, no caso, a italiana, durante a situação revolucionária do “outono quente” de 1969;

6) Estimule a produção de novos estudos que partam da teoria situacionista do espetáculo para compreender o processo histórico brasileiro em perspectiva comparada.

3) Desafios científicos e tecnológicos e os meios e métodos para superá-los

A controvérsia de 1979 entre Debord e Sanguinetti sobre o terrorismo na Itália tem sido brevemente tematizada, nos últimos anos, por diversos intérpretes da teoria situacionista. Ela constitui, entretanto, uma problemática teórica e política essencial para o sucesso desta pesquisa. De acordo com a nossa hipótese, tais interpretações foram elaboradas de modo parcial ou unilateral, na medida em que não realizaram uma necessária confrontação crítica entre as perspectivas de ambos. Para compreendê-las, torna-se necessário uma abordagem holística que, devidamente contextualizada no plano histórico, político e social, seja capaz de aliar a análise crítica de seus textos teóricos de 1979 com um exame comparativo das correspondências trocadas entre eles no período. Tal elucidação não atende a um interesse prosaico, mas antes, a uma necessidade de reparação teórica e histórica dos fatos, distorcidos por calúnias e difamações estabelecidas por Debord contra a figura pessoal de Sanguinetti e difundidas ainda hoje por muitos de seus intérpretes. A versão debordiana dos fatos foi, por muito tempo, a única acessível aos estudiosos e demais interessados na história das ideias situacionistas, até que Sanguinetti trouxe à público uma carta sua de 2012, endereçada a um antigo companheiro de IS, o tunisiano Mustapha Khayati, por meio da qual ele se defende das

acusações infundadas de Debord, explicando as razões de sua abstenção sobre o assunto desde que ele veio à tona para o grande público com a publicação, entre 2005 e 2006, das Correspondências (volumes 5 e 6) de Debord na França.

A investigação sobre os fundamentos e motivações, ao mesmo tempo políticas e pessoais, do afastamento entre Sanguinetti e Debord, torna-se uma tarefa importante para a fortuna crítica do legado situacionista. Não por um interesse ingênuo ou “historicista” (no sentido de Benjamin) sobre o passado de uma teoria, mas por aquilo que ela contém de “presentificado” nas atuais e específicas circunstâncias históricas. Pois as suspeitas lançadas por Debord contra Sanguinetti entre 1981-1984 revelam a atmosfera psicológica de circunspeção de um período marcado por delações, provocações policiais e neofascistas, manipulações judiciais, tortura, prisões arbitrárias, falsificações de provas, desinformação, assassinatos e desaparecimentos, mentiras, arrependimentos e decepções políticas. Além disso, a controvérsia entre os antigos situacionistas poderá fornecer dados concretos que, a partir da experiência desses indivíduos em situações revolucionárias e contrarrevolucionárias, se revelem importantes não apenas para a necessária reconstituição do contexto histórico analisado, como também para uma restauração de suas principais contribuições teóricas ao presente histórico.

Para superar esta controvérsia *ao mesmo tempo* histórica e teórica, privada e política, a análise dos textos teóricos e correspondências pessoais dos autores deverá ser complementada por depoimentos do próprio Sanguinetti, concedidos para um projeto mais amplo ainda em curso, que deverá incluir o exame de sua documentação pessoal, arquivada nas coleções situacionistas da *Beinecke Library* (Universidade de Yale).

4) Cronograma

- *1º Semestre de 2025*

- 1) Análise dos documentos, fatos históricos e biográficos do **período pré-situacionista (1964-1969)**: Revista *S* (1964-1967); Constituição da seção italiana da IS (1969).
 - 2) Redação do primeiro capítulo da biografia intelectual de Sanguinetti, referente ao período pré-situacionista.
- *2º Semestre de 2025*
 - 1) Análise dos documentos, fatos históricos e biográficos do **período situacionista (1969-1972)**: *Il Reichstag Brucia* (1969); Redação e edição da edição 13 (jamais publicada) da *Internationale Situationniste* (1969); Planejamento e organização da Conferência de Veneza (1969); Crise e dissolução da seção italiana da IS (1970); Expulsão da França (1971); Dissolução da IS: *La Véritable Scission dans l'Internationale* (1972).
 - 2) Redação do segundo capítulo da biografia intelectual de Sanguinetti, referente ao período situacionista.
 - *1º e 2º Semestres de 2026*
 - 1) Análise dos documentos, fatos históricos e biográficos do **período pós-situacionista (1972-1979)**: Colaboração com Guy Debord (1972-1976); *Rapporto Veridico sulle ultime possibilità di salvare il capitalismo in Italia e Prove dell'Inesistenza di Censor* (1975); Armadilhas e provocações policiais na Itália (1975); *Aviso al proletariato sugli avvenimenti delle ultime ore* (1977); *Rimedio a Tutto* (1977-1980); Sequestro e assassinato de Aldo Moro (1978); *Del Terrorismo e dello Stato* (1979); Controvérsia com Guy Debord sobre *Del Terrorismo e dello Stato* (1980-1984).
 - 2) Redação do terceiro capítulo da biografia intelectual de Sanguinetti, referente ao período pós-situacionista.
 - 3) Sistematização dos dados coletados e analisados.

- *1º e 2º Semestres de 2027*

- 1) Redação final da biografia intelectual e política do jovem Sanguinetti.
- 2) Entrega do relatório final.

5) Disseminação e avaliação

Em não se tratando de pesquisa com aplicabilidade imediata, a avaliação dos resultados deverá ser verificada por meio da submissão de artigos às comissões de publicação de periódicos especializados. A disseminação dos resultados deverá ocorrer, além disso, por meio da realização de comunicações (seminários, palestras, lançamentos) presenciais e remotas em eventos acadêmicos nacionais e internacionais. Pretende-se publicar o resultado desta pesquisa na forma de uma biografia política e intelectual de Sanguinetti, a qual já dispõe de uma sinalização favorável da editora Sobinfluência (São Paulo) para lançamento no ano de 2026, em caso de concretização deste projeto.

6) Outros apoios

Além de contar com a especial supervisão informal do próprio Sanguinetti, também contamos com o apoio do Prof. Dr. Kevin Repp, curador responsável pelos arquivos situacionistas depositados na *Beinecke Library*, instituição vinculada à prestigiada Universidade de Yale. Além de ser especialista em contracultura italiana da década de 1970, o Dr. Repp atualmente trabalha na organização e aquisição dos novos espólios do antigo situacionista, referentes às duas últimas décadas.

7) Bibliografia

ABSE, Tobias. “Itália: uma nova agenda”. *In*: ANDERSON, Perry; CAMILLER, Patrick. **Um mapa da esquerda na Europa Ocidental**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

AGAMBEN, Giorgio. **Moyens sans Fins: notes sur la politique**. Paris: Payot & Rivages, 2002.

_____. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.

ARANTES, Paulo. **Extinção**. São Paulo: Boitempo, 2007.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. “Falsa democracia é produto de exportação americano”. Entrevista concedida a Léa Maria Aarão Reis. *In: Carta Maior*, 20/10/2016. Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Falsa-democracia-e-produto-de-exportacao-americano/4/37038>>. Acesso em: 24/03/2024.

BERARDI, Franco. “1977: o ano do fim do futuro”. *In: Lugar comum - Estudos de mídia, cultura e democracia*, n. 49, 2017, s/p.

BIGO, Didier; DOBRY, Michel. “L’interpénétration des jeux mafieux et politiques”. *In: Cultures & Conflits*, 03/10/1991. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/conflits/2014>>. Acesso em: 15/03/2024.

CHOMSKY, Noam. **Poder e terrorismo**. São Paulo: Record, 2005.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo; Prefácio à 4ª edição italiana de A sociedade do espetáculo; Comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

_____. **Correspondance vol. 4 (1969-1972)**. Paris: Fayard, 2004.

_____. **Correspondance vol. 5 (1973-1978)**. Paris: Fayard, 2005.

DIAZ, José-Luis. “Qual genética para as correspondências?”. Trad. Cláudio Hiro e Maria S. I. Barsalini. *In: Manuscrita. Revista de Crítica Genética*, n. 15, 2007.

DOBRY, Michel. **Sociologie des crises politiques**. Paris: Presses de Sciences Po, 2009.

DUCLERT, Vincent. “Le secret en politique au risque des archives? Les archives au risque du secret politique. Une histoire archivistique française”. *In: Matériaux pour l’histoire de notre temps, Bibliothèque de Documentation Internationale Contemporaine*, n° 58, abril-junho, 2000.

FIGUEIREDO, Lucas. **Ministério do Silêncio. A história do serviço secreto brasileiro de Washington Luís a Lula (1927-2005)**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GANSER, Daniele. **Les armées secrètes de l’Otan: Réseaux stay-behind, opération Gladio et terrorisme dans l’Europe de l’Ouest**. Paris: Demi Lune, 2007.

GENTILE, Jean-François Brozzu. **L’Affaire Gladio. Les réseaux secrets américains au cœur du terrorisme en Europe**. Paris: A. Michel, 1994.

GIACCHÈ, Vladimiro. **La fabbrica del falso – Strategie della menzogna nella politica contemporânea**. Roma: Derive Approdi, 2011.

GIRAUD, Claude. **Du secret. Contribution à une sociologie de l'autorité et de l'engagement**. Paris: L'Harmattan, 2005.

KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque – A Ascensão do Capitalismo do Desastre**. São Paulo: Nova Fronteira, 2008.

KURZ, Robert. **O colapso da modernização. Da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

LAURENT, Sébastien. “Pour une histoire de l'État: le secret, l'information politique et le renseignement”. *In: Vingtième siècle. Revue d'histoire*. 2004, n° 83.

LÖWY, Michael. “Michael Löwy: ‘O Estado de exceção predomina. A democracia é que foi excepcional’”. *In: Blog da Boitempo*, 30/05/2016. Disponível em: <[Michael Löwy: “O Estado de exceção predomina. A democracia é que foi excepcional” – Blog da Boitempo](#)>. Acesso em: 03/04/2024.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

OBERT, Caroline. “Transparence et secret: l'accès aux archives contemporaines”. *In: Vingtième siècle. Revue d'histoire*. 1996, n° 52.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista/ O ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003.

PACINI, Patrizia. **Teresa Mattei: una donna nella storia: dall'antifascismo militante all'impegno in difesa dell'infanzia**. Firenze: Consiglio Regionale della Toscana, 2009.

PAGÈS, Alain. “Correspondance et genèse”. *In: GRÉSILLON, Almuth; WERNER, Michaël (orgs). Leçons d'écriture: ce que disent les manuscrits*. Paris: Lettres Modernes/Minard, 1985.

QUADROS, Vasconcelo. “Atentados de direita fomentaram o AI-5”. *In: Agência Pública*, 01/10/2018. Disponível em: <<https://apublica.org/2018/10/atentados-de-direita-fomentaram-ai-5/>>. Acesso em 23/03/2024.

ROBIN, Marie-Monique. **Escadrons de la mort, l'école française**. Paris: La Découverte, 2008.

SAFATLE, Vladimir. “Do uso da violência contra o Estado ilegal”. *In: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (orgs.). O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010.

SALINAS, Samuel Sérgio. **Antes da Tormenta: Origens da Segunda Guerra Mundial, 1918 – 1939**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

SANGUINETTI, Gianfranco. **Véridique rapport sur les dernières chances de sauver le capitalisme en Italie**. Paris: Champ Libre, 1976.

_____. “Preuves de l’inexistence de Censor, par son auteur”. *In*: SANGUINETTI, Gianfranco. **Véridique rapport sur les dernières chances de sauver le capitalisme en Italie**. Paris: Champ Libre, 1976.

_____. **Do terrorismo e do Estado**. Lisboa: Antígona, 1981.

_____. “Prefácio à edição francesa”. *In*: SANGUINETTI, Gianfranco. **Do terrorismo e do Estado**. Lisboa: Antígona, 1981.

_____. “Un orgasmo della storia: il 1977 in Italia. Digressioni sul filo della memoria di un ex-situazionista”. *In*: **Il Piombo e le Rose. Utopia e Creatività nel Movimento 1977**. Roma: Postcart Edizioni, 2017, pp. 09-41.

_____. “O despotismo ocidental”. *In*: SANGUINETTI, Gianfranco; VANEIGEM; Raoul. **Insurgência viral: autodefesa sanitária e despotismo ocidental**. São Paulo: Veneta, 2021.

SCHWARZ, Roberto. “Prefácio”. *In*: OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista/ O ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003.

SILVA, Manuel Parreira da. **Realidade e ficção: para uma biografia epistolar de Fernando Pessoa**. Lisboa: Fernando & Alvim, 2004.

TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir. **O que resta da ditadura: a exceção brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2010.

ZACARIAS, Gabriel. “Lettristes, situationnistes et terrorisme d’avant-garde”. *In*: **Trans**, nº 15, 2013. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/trans/776>>. Acesso em: 09/04/2024.

_____. **No espelho do terror: jihad e espetáculo**. São Paulo: Elefante, 2018.